

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS DISTINCTOS POR LETRAS, ARMAS, VIRTUDES, &c.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Admiradores do passado, que por tendência natural se comprazem de defender e achar boas medidas governativas, ás vezes só porque a idade de alguns seculos as faz respeitaveis, procuram desculpar a introdução dos rigores inquisitoriaes nos reinos de Castella e Portugal, como um meio politico adoptado para fortalecer as duas monarchias, llexando n'ellas a unidade religiosa. Não nos faremos cargo de repellir tal desculpa com os males occasionados na Peninsula pela intolerancia, já no que diz respeito a intelligencia agrilhoada e ás vezes intrigada, já a diminuição de tantos cabedaes sabidos d'estes reinos.

O que podemos offoutamente dizer é que em geral, nas colonias e conquistas, tal introdução além de impolitica foi barbara, quando não desleal e traiçoeira, como succedeu no Brasil a respeito das familias que occultamente seguiam a religião do Talmud.

Algumas d'essas familias haviam para ali sido levadas pelos proprios donatarios, a titulo de que suas capitánias tinham privilegios para os homisiados; outras tinham passado no tempo dos holandezes: e com estes quando evacuaram Pernambuco foi capitulado que taes familias não seriam perseguidas, e antes se respeitariam seus haveres, &c. Esta capitulação compriu-se a principio; as familias dos judeus, julgando-se em segurança, começaram a entregar-se tranquillias ao trabalho; e muitas, graças á sua actividade,

se locupletavam prodigiosamente ; sobre tudo no Rio de Janeiro, que já principiava a desenvolver as vantagens que leva sua situação sobre a da Bahia.

E apesar d'isso nem² que para se cumprir a tradicional perseguição da raça, que para a nossa salvação condemnou o Redemptor, este paraizo terreal dos novos hebreos não lhes foi de longa duração. 'Tinham decorrido os primeiros annos do seculo passado, quando uma infinidade de familias do Rio de Janeiro foram arrebatadas e conduzidas presas para os carcereos de Lisboa.—Estas prisões pareciam não ter fim, e o desespero do povo era já grande quando Duguay-Trouin forçou a barra de Nictheroy ; nem admira que, por occasião d'esse ousado maritimo occupar a cidade houvesse n'ella nationes que fossem pedir á invasora bandeira de França asylo contra a ferocidade dos familiares do Santo Officio.

E ainda bem que assim fizeram : pois os desgraçados que se pejaram de seguir tal exemplo, foram cruelmente recompensados de tal prova de patriotismo.

As prisões e remessas para a inquisição de Lisboa continuavam. Entre os remettidos em 1713 uma familia chama agora a nossa attenção. Além de abastada, era das mais aparentadas no Rio de Janeiro, onde cada um dos dois esposos, naturaes da mesma cidade, contava sete irmãos, em geral já casados e estabelecidos. O chefe da familia é o advogado João Mendes da Silva, a quem se attribuem varias poesias que nunca se imprimiram : sua mulher Lourença Coutinho vem accusada de graves culpas de judaismo. Os dois filhos mais velhos appellidam-se com os nomes dos avós paterno o materno, André Mendes da Silva e Balthazar Rodrigues da Silva. O mais moço chama-se Antonio José da Silva, e tem apenas seis annos de idade, havendo nascido a 8 de Maio de 1705.—Mas é justamente esta criança quem promoveu todo este nosso preambulo ; pois veio a ser nada menos do que o poeta de que nos propoemos tratar no titulo d'este artigo.

O pequeno Antonio José começou em Lisboa sua educa-

ção, em quanto a mãe soffria os tratos do Santo Officio por christã nova. — A final a pobre foi solta; mas é muito provavel que o ferrete de judaismo, com que se estreavam na corte, limitasse o circulo de suas relações aos de sua igualha. E o joven Antonio José, ainda que baptisado na Sé do Rio de Janeiro, vendo-se agora só rodeado de christãos novos perseguidos e de judeus, foi-se embuindo nas doutrinas d'estes, até que as professou.

Foi a Coimbra estudar canones, e nem por isso mudou de crenças. Em 1726 estava de volta em Lisboa; e já advogava com seu pai quando aos 8 de Agosto foi agarrado para os carcereiros da inquisição. Tinha então vinte e um annos de idade, e o susto que lhe souberam incutir, e o modo como pozeram em contribuição seu genio docil, fizeram que elle não só se descobrisse aos inquisidores culpado, como delatasse alguns cúmplices. No exame de doutrina que lhe fizeram errou alguns pontos. Sendo porém, a final, posto a crueis tratos de polé sem nada mais revelar, propoz-se a fazer decidida abjuração; e aceita esta foi solto no auto publico do mez de Outubro. No soffrimento dos tratos, que pozeram o padecente na impossibilidade de assignar o seu nome, os inquisidores tomaram nota de que o abjurando gritava por Deus, e não pela Virgem ou santo algum! . . .

Antonio José, apenas se viu fóra d'aquellas paredes horroscas, dispoz-se a cumprir com lealdade a abjuração que acabava de fazer. Começou a exercitar todas as practicas dos catholicos, fugiu do trato do christãos novos, frequentando pelo contrario os conventos, e travando até amizade com alguns religiosos instruidos; pois o gosto pelas letras n'elle se desenvolvia de modo que a ellas votava o tempo que lhe ficava, depois de trabalhar com seu pai na banca de advogado.

O theatro fazia as delicias da fastuosa corte de D. João V; — e de Italia não podiam ter vindo tantos mosaicos e carruagens sem a *Opera Italiana*. Antonio José morava com seu pai ao « Pateo da Comedia, » isto é, se-

gundo imaginamos, ao pé (1) do theatro ; e porque isso lhe facilitaria o frequental-o, ou porque para a scena o chamou a propria vocação, é certo que elle veio a dedicar-se á carreira dramatica. — A primeira composição sua de que temos noticia foi a *Sarzuela*, ou como hoje diriam, *libretto* de uma ópera epithalamica nas bodas do principe (depois rei) D. José, em 1729. Com mais applicação e leitura, principalmente das competentes obras de Metastasio, Molière e Rotrou, continuou em outras operas comicas, que foram á scena de 1733 em diante, havendo sido impresas durante sua vida, no anno de 1736 o seguinte, o *Labyrinto de Creta*, *Variedades de Protheo*, e as *Guerras do Alecrim e Mangerona*. Por essa occasião tambem foi publicada a glosa que fez na morte da infanta D. Francisca ao conhecido soneto de Camões :

Alma minha gentil que te partiste.

Não trataremos aqui de avaliar com mais ou menos criterio o merito d'essas composições e das outras suas que se publicaram : só diremos que as *Guerras do alecrim* são o primor de quanto nos deixou, e ainda hoje podia esta comedia fazer as delicias do publico como opera comica no gosto moderno (2).

(1) Ainda hoje em varias terras de Hespanha se chama ao theatro *Casa de comedia*, e as ruas ou largos proximos *Calle de comedia*, *Plazuela de comedia*, &c.

(2) Ainda não ha muito que conversando nós a este respeito em Lisboa com o Sr. conde de Farrobo, cujo talento e dedicação dramatica são notorios, o mesmo Sr. nos disse que não estava fora da idéa de vir a pôr *As guerras do Alecrim* com musica no seu theatro das Laranjeiras, como fizera o anno passado com a farsa *Manoel Mendes*, que depois franqueou para o Theatro Novo, onde o publico tanto a applaudiu. Ainda esperamos ver chegar um dia em que n'esse mesmo theatro edificado sobre o mesmo solo das masmorras onde

As outras suas comedias são *Amphytrido*, *D. Quixote*, *Esopaida*, *Medea* e *Phæton*, que menciona Barbosa, e correm impressas. Outras ha, como os *Amantes do escabecho*, *S. Gonçalo de Amarante*, &c., que nem o chegaram a ser; e por ventura mais alguma escreveria, que andar á talvez anonyma ou apocrypha. Assim bem pôde ser fossem tambem suas as *Firmezias de Protheo*, *Telemaco na ilha de Calypso*, que possuímos manuscriptas, e é muito no seu estylo, &c. Do 3.º e 4.º volumes (3) do *Theatro Comico*,

Antonio José soffreu tratos, venham a ser suas obras applaudidas e coroadas,

(3) Quanto as obras d'este nosso poeta ha engano em attribuirem-se-lhe todos os quatro volumes do *Theatro Comico*, sendo certo que as do 3.º e 4.º tomos, que em geral só contribuiriam a diminuir-lhe o merecimento, quasi todas são conhecidamente de outros autores. Assim, v. g., o *Adolonymo em Sidonia* é uma imitação do italiano *Alessandro in Sidone* publicado nas obras de Zeno; *Adriano em Syria* é a traducção da opera do mesmo titulo por Metastasio; *Filinto perseguido* é o *Sirno em Seleucia* do mesmo Metastasio; os *Novos encantos d'Amor* vem em todas as bibliothecas como uma das obras de Alexandre Antonio de Lima, e verdadeiramente não é mais que uma imitação do hespanhol, &c.

Começamos por mostrar a não originalidade d'estas publicações, para nos justificarmos de que nenhum prejuizo fazemos á memoria de Antonio José quando riscamos estas do catalogo de suas obras, como passamos a fazer, e com as provas resultantes de certa confrontação dos prologos e das edições, que todas vimos não sem difficuldades e despezas.

Vejamos.

Depois da morte do autor propóz-se Francisco Luiz Ameno a imprimir, com o titulo de *Theatro Comico*, uma collecção de conhecidas peças portuguezas, cujo numero elle reduzia a quarenta e oito; obteve para isso privilegio de dez annos, e publicou em 1744 na officina Sylviana os dois primeiros volumes em 8.º, contendo as operas de Antonio José, precedidos de estampas allegoricas, e promettendo para os 3.º e 4.º volumes *Adriana em Syria*, *Semiramis*, *Filinto*, *Adolonymo*, *Nympha Siringa*, &c. Tendo porém alguma demora em cumprir sua promessa, houve outro individuo que em 1746, na officina de Ignacio Rodrigues, publicou estas cinco promettidas peças, e além d'ellas mais tres, em dois tomos tambem de 8.º, com o titulo de *Operas portuguezas*.

quando muito são no seu gosto os *Encantos de Circe*, e a *Nympha Siringa*. Se bem que a idade de trinta e quatro annos com que morreu (por não o deixarem viver mais) não nos permite crer que apesar de toda a sua fecundidade tivesse tempo para ser autor de mais obras.

O talento e chistosa graça de Antonio José ressumbra a cada instante. A's vezes vereis expressões que o publico mais polido de hoje não toleraria; mas o nosso autor conhecia de certo a sua platéa; e tanto que não se cançava ella de lhe dar gargalhada a valer, e de o applaudir. Os inquisidores porém descobriram de certo alguma liberdade

Ameno reimprimiu em 1747 os dois volumes publicados por elle tres annos antes; mas teve que mudar o 2.º paragrapho do prologo, que se referia ás peças que havia promettido. No que de novo escreve diz que não pôde dar as peças promettidas por haver d'estas autor vivo, que não consentiu que outro as imprimisse. Do que fica claro não era seu autor Antonio José, que deixara de existir em 1739, como sabemos. Acrescenta que havendo-se feito d'ellas uma edição (allude aos dois volumes com o título *Operas portuguezas*, impressas em 1746), se propunha a continuar a collecção com outras operas que nomêa. D'essas operas algumas foram impressas avulsas; mas a collecção não continuou tal; o que succedeu foi em 1751 fazer-se outra edição dos dois volumes de 1746; e em 1753 repetirem-se em terceira edição os dois volumes do *Theatro Comico*; seguiu-se outra em 1759. Foi a esta quarta edição dos dois volumes que pela primeira vez se annexaram em 1760 e 1761, sob a rubricade tomo 3.º e 4.º do dito *Theatro Comico*, os mesmos até então 1.º e 2.º intitulados *Operas portuguezas*; dos quaes verdadeiramente esta edição foi a terceira. — Uma tal associação de volumes e de titulos repetiu-se na ultima edição, tambem em quatro volumes, feita na officina de Simão Thuddeu Ferreira em 1787, 88, 90 e 92, e n'ella se conservou ainda todo o prologo da edição de 1747, cujo segundo periodo se havia já supprimido n'uma das edições anteriores. Esta vem a ser a quinta do tomo 1.º e 2.º e quarta do 3.º e 4.º não fallando nas impressões avulsas. Das edições de cordel possuímos *As Guerras do Alcorim*, impressas em 1770, in-4.; vindo assim d'esta comedia a existirem pelo menos sete edições. O *D. Quixote* mereceu as honras de ser traduzido em francez na collecção dos *Chefs d'œuvres des théâtres étrangers*. Foi traductor o illustre Ferdinand Denis, para sempre benemerito das nossas letras.

de pensamento nas grandes verdades que o philosopho dramatico denuncia debaixo do envoltorio do estylo picaresco.

« Toda a justiça acaba em tragedia » faz elle dizer a Sancho, e a ninguem melhor servia a carapuça que aos inquisidores. Tambem é possivel que pretendessem achar no *Amphytrião* alguma revelação dos tratos que passára nos carcereiros : o certo é que o tomaram á sua conta como passamos a ver.

Tinha-se Antonio José casado em 1734 com Leonor Maria de Carvalho. Este matrimonio fôra abençoado um anno depois, em Outubro de 1735, nascendo uma menina que recebeu o nome da avó paterna. Era uma familia feliz : a advocacia dava a Antonio José uma subsistencia honesta, e com que pagar a renda de um andar das casas em que vivia, junto á igreja do Soccorro. O theatro offerecia-lhe pasto intellectual, grangeara-lhe a affeição do monarcha e bastante popularidade ; e a filhinha e a mulher e a sua velha mãi constituíam-lhe todas as delicias do coração. Eis porém que aos 5 de Outubro de 1737, quando se approximava o segundo anniversario da dita filhinha Lourença, viu-se arrebatado subitamente por um familiar do Santo Officio. Tal é o primeiro quadro da acção verdadeiramente tragica, que nos vai offerecer o resto de seus dias.

Serviu de pretexto aos inquisidores certa denuncia dada por uma preta de Cabo Verde, escrava de sua mãi, a qual segundo se provou depois, Antonio José castigára por ser de má vida: este triste instrumento de vingança veio a pagar seu mal, morrendo de susto no carcere, onde fôra trazida para ser interrogada. Não havendo capitulos de provas contra Antonio José, e não sendo possivel tiral-os de suas obras devidamente licenciadas, tratou-se de lh'os crear dentro dos mesmos carcereiros. Foi mettido n'uma casa que tinha buracos clandestinos para ser espiado, e os guardas que iam espiar reparavam em quando elle não comia, de certo porque a

isso o não convidava o appetito, para irem depois depôr que estavam persuadidos que o não fazia por jejuar judaicamente. Foi só por taes depoimentos e pelos de um denunciante (que segundo parece de proposito lhe destinaram para companheiro) que este poeta foi condemnado ! E isto quando os proprios guardas muitas vezes depoem como elle lia nas horas, rezava de mãos postas, e benzia-se, &c. E isto quando todas as testemunhas que convocou em sua defesa, entre as quaes entravam frades, incluindo-os até de S. Domingos, depozeram sua devoção pelo catholicismo, e attestaram seus bons costumes ! Não somos nós que o dizemos : é o seu processo original, que chegou até nós para podermos vingar a sua memoria. Foi o empenho que consta haverem feito muitos grandes da época, incluindo o proprio rei D. João V. para o livrar. Mas que se lhe dava á inquisição com o poder dos grandes e do rei, antes do marquez de Pombal ! ? . .

Nós seremos os primeiros a confessar que nas obras de Antonio José expressões e pensamentos ha, as quaes por ventura descobrem que a mira d'este poeta não era ganhar o céu asceticamente e por meios de cilícios ; mas se elle não era naturalmente de humor devoto e espirito demasiado credulo, como pretender insistir que elle tinha fé de se salvar voltando á religião de Moysés, para não comer toucinho e privar-se de um pedaço de lombo ! . . .

Quando o nosso poeta por sua justificada innocencia, quando seus amigos. testemunhas que haviam deposto a favor d'elle, julgavam-o talvez absolvido, lavrava-se-lhe a sentença tremenda de relaxação a 11 de Março de 1739. Mas elle nada sabia, e soffria resignado no carcere n. 6 do *Corredor meio-novo*, ora deitado em um sobrado, ora passeando com as mãos mettidas, como tinha por costume, nas mangas do roupão azul forrado de eucarnado, que usava em quanto preso. Quantas vezes ahi não teria motivo para repetir os seguintes versos, que annos antes fizera recitar a *Amphytrião* :

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influis com luz opaca,
Rigor tão fero contra um innocente;
Que delicto fiz eu, para que sinta
O peso d'esta asperrima cadeia
Nos horrores de um carcere penoso,
Em cuja triste lóbrega morada
Habita a confusão, e o susto mora!
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
F' culpa o não ter culpa, eu culpa tenho;
Mas se a culpa, que tenho, não é culpa,
Para que me usurpais com impiedade
O credito, a esposa, e a liberdade?

O' que tormento barbaro
Dentro no peito sinto!
A esposa me desdenha
A patria me despenha;
E até o céu parece
Que não se compadece
De um misero penar.
Mas, ó Deuses, se sois Deuses,
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegais hoje a castigar?

Mais de sete mezes depois de sentenciado, a 16 de
Outubro de tarde, foi-lhe feita a intimação, e entregue
no oratorio aos cuidados do jesuita Francisco Lopes.
Bem podia dizer com o seu Polybio:

Se o recto instrumento
Que vibras ingente
De uma alma innocente
Castigo não é:
Ao duro supplicio
Impávido vou.
Não fujo, não temo
Da morte os horrores,

Que a rigida espada
Em vida inculpada
Jámais penetrou!...

tanto mais se soubesse que sua velha mãe ficava na terra para penar e abjurar mais uma vez!

Passados tres dias estava elle na eternidade!... E o seu corpo queimado e convertido em cinzas e vapores... Deus tenha sua alma em gloria, pois elle já não era judeu!

Era Antonio José de estatura mediana, magro, alvo, de cabello castanho escuro, de feições e cara miuda, e tinha pouca barba.

Consta-nos que o nosso bom amigo o Exm. Sr. Rodrigo de Sousa da Silva Pontes, tão fino litterato como justo magistrado, além de acreditado administrador e diplomata, se propõe a fazer uma edição completa das obras d'este filho da America. Oxalá possam-lhe ser de alguma utilidade estes nossos apontamentos, e a entrega do processo, que tivemos a fortuna de achar, e do qual por ordem do dito Sr. fazemos tirar uma copia. — Demolhes desde já nossos emboras! — Restitua-nos pois as obras com o autor chamado pelo seu nome; e cesse de uma vez o labéo de *Obras do Judeu*, com que o publico as appellidára quando as viu publicar anonymas, o que provavelmente foi ordenada pela inquisição.

Ninguém ousa no *Theatro comico* pronunciar o nome de Antonio José: e entretanto descobre-se que a elle alludem no titulo as expressões — « Que se representaram &c. : a elle allude o collector Ameno na advertencia; e ainda mais a elle allude até sem ousar nomeal-o o proprio rei no privilegio que só se publicou nas primeiras edições. — Os censores para a primeira edição de Ameno foram o conego D. José Barbosa, e o frade de S. Domingos fr. Francisco

de Santo Thomaz. Este ultimo disse a 8 de Março de 1743. « Ainda que o sal dos escriptos d'este genero com que seus autores os costumam temperar... degenera ás vezes em corrupção dos costumes, *aqui* não succede assim; porque... foi extrahido dentro das margens da modestia e sem redundancia fóra dos limites da *religião christã*. » Aquelle apenas disse em 6 de Abril que não via nas obras a *cousa contra a fé e bons costumes*. »

Seria quasi reprehensivel omissão fallar da vida de Antonio José sem ao menos fazeremos honrosa menção do drama — *O Poeta e a Inquisição* — com que o Sr. Magalhães mui talentosamente pôz em scena o nosso pobre perseguido. Os novos lactos, que agora se conhecem, offerecem já outro drama, ainda que com scenas mais carregadas, menos difficil de fazer. Jámais porém nós tal emprehenderíamos; e a ninguem senão ao Sr. Magalhães, em sua vida, compete em nossa opinião realisar essa tarefa. Tudo o mais fóra miseravel ambição *escamoteada* á custa de menos polida attenção pelo poeta autor do drama que se estreou, ainda antes do *Auto de Gil Vicente*, no moderno impulso que recebeu em seu repertorio o theatro portuguez.

F. A. de Varnhagen.

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA.

Corriam os primeiros annos do seculo passado quando um velho brasileiro, filho da Bahia, se deliberava a apparecer em publico com um volume de poesias. De idade quasi septuagenaria quer legar á posteridade o fructo de suas vigílias, e as provas de que foi um dos applicados que depois da guerra dos holandezes appareceram a porfiar na ten-